

RELAÇÕES ENTRE DISCURSO, COMUNIDADE E LEITURA EM ESPANHOL LE

Antonio Francisco de ANDRADE JÚNIOR
Universidade Federal do Rio de Janeiro
antonioandrade.ufrj@gmail.com

RESUMO: Este trabalho destina-se a refletir sobre a problemática das comunidades discursivas responsáveis pelos diferentes modos de inscrição do sujeito na linguagem, os quais resultam em distintas formas de identificação e posicionamento, observados sobretudo em atividades de leitura em língua estrangeira. Pensar tal questão nos contextos de ensino/aprendizagem, significa focar a interação autor-texto-leitor, o pertencimento/adesão dos indivíduos a distintas práticas e grupos sociais – caracterizados pelo contato com determinados gêneros do discurso –, além dos possíveis graus de aproximação e distanciamento que se estabelecem entre os papéis que o texto projeta para o leitor virtual e os papéis assumidos pelo leitor real. Neste estágio da pesquisa, aprofundaram-se aspectos relativos ao quadro teórico e à possibilidade de se estabelecer relações entre estudos discursivos relacionados ao campo da leitura (BAKHTIN, 2003, 2010a, 2010b; FOUCAULT, 2002, 2008; ORLANDI, 2001; STREET, 2006; SWALES, 1987) e estudos relativos à problemática da comunidade na contemporaneidade (BLANCHOT, 2002; ESPOSITO, 2007). Este percurso de revisão bibliográfica e de amadurecimento da fundamentação teórica constitui os resultados parciais do projeto de pesquisa, iniciado em 2013, “Leitura, discurso e comunidade na formação e na atuação de professores de Espanhol LE”, coordenado por mim, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; leitura; comunidade.

Pese a todas las precauciones teóricas tendientes a garantizarlo, ese vacío tiende irresistiblemente a proponerse como un lleno, a reducir lo general del ‘en común’, a lo particular de *un* sujeto común. Una vez que se la identifica – con un pueblo, una tierra, una esencia –, la comunidad queda amurallada dentro de sí misma y separada de su exterior, y la inversión mítica queda perfectamente cumplida. (ESPOSITO, 2007, p. 44-45)

A epígrafe de Roberto Esposito abre caminho para se refletir sobre o problema da comunidade, que, segundo o pensador italiano, advém da tensão entre a ideia de *communitas* – termo que delinea a configuração do “espaço comum” como um vazio, lugar de estabelecimento de relações múltiplas e imprevistas com a alteridade – e a noção de *immunitas* – ligada aos projetos de (auto)proteção, gregarismo e consequente isolamento dos distintos grupos sociais, bem como aos discursos que, ao longo da história, tentam justificar a prevalência ou a posição desses grupos no terreno de disputas pela hegemonia.

Tal reflexão de ordem político-filosófica coaduna-se com a perspectiva da análise do discurso. Pode-se verificar, a título de exemplo, a discussão proposta por Eni Orlandi (2001) a propósito dos mecanismos de variação e regulação (polissemia e paráfrase) encetados pela relação do texto com a sua exterioridade, isto é, do enunciado com o contexto sociodiscursivo. Consciente de que “aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz,

ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação aos discursos, etc.” (ORLANDI, op. cit., p. 85), o analista do discurso que se debruça sobre o ato de ler precisa reconhecer que toda leitura tem sua história, ou seja, suas condições de produção. Desse modo, o leitor tende a seguir modelos de leitura já instaurados que funcionam como padrões de previsibilidade. Mas, da mesma forma como Foucault (2002, p. 36) demonstra que os princípios e regras de coerção do discurso são simultaneamente responsáveis por sua produtividade, é importante para o analista evidenciar, a partir dos modelos de leitura, ou a partir da história da leitura de um texto, as possibilidades de nascimento da pluralidade de sentido, a imprevisibilidade.

Conceber assim o discurso, como lugar em que se opera simultaneamente a manutenção e o deslizamento do sentido, consiste numa posição menos simplificada em relação ao papel da ideologia na atividade leitora. Nesse sentido, compreende-se a validade da reflexão de Roland Barthes, ao assinalar que o prazer manifestado no processo de interação com o texto escrito é atópico, isto é, não ocupa lugares fixos na cadeia significante, por isso é capaz de estabelecer e romper resistências quanto ao discurso do outro, de modo muitas vezes imprevisível. Para Barthes (2008, p. 30), “O prazer (...) não é um *elemento* do texto, (...) é uma deriva, qualquer coisa que é ao mesmo tempo revolucionária e associal e que não pode ser fixada por nenhuma coletividade, nenhuma mentalidade, nenhum idioleto”. Isso remete ainda à perspectiva de estudiosos contemporâneos (GONZÁLEZ, 2001; REVUZ, 1998) atentos à dimensão afetiva (o investimento desejante) que permeia a relação das comunidades e dos sujeitos – entendidos como entidades não monolíticas – com a língua estrangeira.

Seguindo a esteira dessa colocação, chamo a atenção para a necessidade de se buscar um viés mais complexo de entendimento dos sinais de proximidade e distanciamento manifestados no ato da leitura. Não à toa, lançando mão da perspectiva bakhtiniana, procurarei, doravante, estender o critério de não coincidência entre os papéis enunciativos colocados em jogo no âmbito da *produção escrita* para a análise da *compreensão leitora*, esta última vista como espaço de tensão entre diferentes vozes: autor real, autor representado, personagens (lugares de enunciação definidos como 3ª pessoa do discurso), leitor virtual e leitor real. Tal consciência requer da pesquisa uma investigação mais densa quanto à produtividade da noção de exotopia¹, não do autor mas do leitor, no processo dialógico. Esse ponto de vista solicita ainda o entendimento do leitor como instância enunciativa ligada à natureza dúplice – (ir)repetível – da discursividade, ao mesmo tempo produzido pelo modo como é posicionado na trama discursiva e produtor de atos responsivos em face do enunciado: ator envolvido em tensos movimentos de adesão e deslocamento, receptáculo de divergentes forças discursivas de acabamento e dispersão. Tais concepções, portanto, sugerem a necessidade de se focalizar as distintas exotopias envolvidas na produção da leitura em língua estrangeira por sujeitos situados em diversos contextos, admitindo o dialogismo de vozes não coincidentes na interação propiciada pelo ato de ler.

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Mikhail Bakhtin propõe uma ressignificação da noção de “contemplador” que pode servir como ponto de partida para a revisão teórica a que me proponho. Ao analisar a obra lírica de Pushkin, Bakhtin (2010a, p. 131-132) avalia que tanto o contexto valorativo do “autor representado” – figura que se projeta no enunciado: o eu lírico, neste caso – quanto o da “heroína” a quem está endereçada a

¹ O conceito bakhtiniano de *exotopia*, segundo Marília Amorim (2008, p. 95-96), “refere-se à atividade criadora em geral”, à possibilidade de o enunciativo situar-se em “um lugar exterior, fundamental ao trabalho de criação e de objetivação”, de onde provém sua singularidade dentro do processo discursivo-enunciativo e de onde se derivam os valores éticos de sua posição.

poesia são “envoltos pelo contexto estético unificante e que afirma os valores, do autor-artista e contemplador, o qual se acha colocado fora da arquitetônica da visão de mundo da obra (diversamente do autor-herói, que é membro desta arquitetônica)”. É justamente a partir deste lugar exotópico do autor/contemplador que se torna possível, segundo Bakhtin (op. cit., p. 132), a “afirmação e enformação da matéria da empatia na arquitetônica unificante da visão”, isto é, a convergência de centros de valor diferentes resultantes da “relativa autonomia dos heróis”, discutida pelo autor em seu livro sobre Dostoiévski, no qual se elogia o ato de criar, ao passo que se recusa a positividade do conceito de invenção: “não se inventa uma imagem artística, seja ela qual for, pois ela também tem a sua lógica artística, as suas leis” (BAKHTIN, 2010b, p. 73-74). No texto bakhtiniano, lê-se ainda: “Após escolher o herói e o dominante da sua representação, o autor já está ligado à lógica interna do que escolheu, a qual ele deve revelar em sua representação” (Idem, p. 74). Evidentemente, no âmbito da leitura, este processo complexifica-se ainda mais, pois a partir das representações da escrita autoral e do contexto em que se dá a mediação, o leitor, que também ocupa posição externa em relação ao universo significativo configurado pelo texto, revela nos seus gestos de leitura – manifestando, é claro, distintos graus de adesão ou dissenso – uma lógica interna de sua comunidade discursiva.²

Nesse sentido, pode-se dizer que a teoria bakhtiniana implica uma reflexão profunda sobre a relação entre subjetividade e alteridade, colocadas, dentro da razão dialógica que estrutura seu pensamento, como termos equipolentes que, embora se mantenham inacabados, nunca chegam a configurar um bloco homogêneo. Pelo contrário, tal perspectiva teórica destaca, com frequência, a tensão e a polifonia das vozes, de modo que o discurso só possa ser analisado aí a partir de sua heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1998). Isso, por sua vez, requer atenção à problemática da comunidade, figura que pode potencialmente ocupar lugar de destaque seja no âmbito da escritura, seja no da leitura. Esse(s) outro(s), o *ser-em-comum*, a alteridade entendida como comunidade, passa a ser assim, ao mesmo tempo, produtor e produto (criador e criatura) do enunciado. Muitos aspectos da análise da obra de Dostoiévski, por exemplo, apontam para uma concepção dialógica da comunidade, ainda que Bakhtin não usasse tal expressão. A meu ver, o próprio foco atribuído pelo estudioso à “total dialogação de todos os elementos da construção” (BAKHTIN, 2010b, p. 73), no contexto do romance polifônico, confirma a formação de uma concepção enunciativa intersubjetiva em que coletivo e individual, público e privado são inseparáveis. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, chega-se a afirmar que “o discurso sobre o mundo se funde com o discurso confessional sobre si mesmo. A verdade sobre o mundo (...) é inseparável da verdade do indivíduo” (Idem, p. 87). Com isso, Bakhtin assinala a oscilação entre a *vivência pessoal* e o *pensamento ideológico*, categorias que realizam um intercâmbio de características no plano da enunciação. E ao demonstrar a “fusão da palavra do herói sobre si mesmo com sua palavra ideológica sobre o mundo”, ratifica o valor semântico da *autoenunciação* como “a capacidade interna de resistência a qualquer acabamento externo” (Idem, p. 88).

Reafirmando essa interseção entre as noções de personalidade e ideologia, Brian Street demonstra a produtividade de se pensar a formação de identidades no interior de processos diversificados de letramento:

² Segundo Borg (2003), o conceito original de “comunidade discursiva”, atribuído a Swales (1987), focaliza os usos e análises da comunicação escrita realizados por indivíduos (membros da comunidade) que, embora não necessariamente precisem interagir de maneira direta ou estar próximos uns dos outros, compartilham interesses e expectativas comuns e encontram-se engajados em práticas comunicativas propiciadas por determinados gêneros discursivos.

Diferentes letramentos, portanto, são associados a diferentes personalidades e identidades. (...) Quando frequentamos um curso ou uma escola, ou nos envolvemos num novo quadro institucional de práticas de letramento, por meio do trabalho, do ativismo político, dos relacionamentos pessoais, etc., estamos fazendo mais do que simplesmente decodificar um manuscrito, produzir ensaios ou escrever com boa letra: estamos assumindo – ou recusando – identidades associadas a essas práticas. (STREET, 2006, p. 470)

Ainda que, no artigo citado, Street dê mais ênfase aos valores culturais que incidem sobre a apropriação dos usos sociais da leitura e da escrita em diferentes comunidades discursivas, seu texto indicia a possibilidade, prevista por Bakhtin, de autoenunciação do leitor, que, para além de “simplesmente decodificar”, vê-se obrigado, no contexto sociointeracional, a tomar posição, “assumindo” ou “recusando” identidades relacionadas à atividade enunciativa. Isso me faz pensar que não seria equivocado avaliar a complexidade do ato de enunciar por meio da ambivalência sintática e semântica de sua construção verbal: ora figurada na forma ativa (enuncia), ora na forma passiva (enuncia-se/é enunciado). Quero refletir assim sobre o “entre-lugar” do discurso (cf. SANTIAGO, 2000) que ao tratar de comunicar uma espécie de pertencimento à comunidade (*immunitas*) – ou de relação do sujeito com ela – se dá conta de sua abertura problemática ao mundo (*communitas*³); experiência que excede as fronteiras do dizer, choque com a palavra do outro que não se reduz a sua palavra, que enuncia ao mesmo tempo em que é enunciado.⁴

Dessa maneira, busco também um viés de reflexão em que, tendo em vista a plasticidade dos gêneros discursivos, a comunidade possa ser entendida não só como instância de produção de sentidos (in)inteligíveis para o sujeito, mas também de “tons emotivo-volitivos” (dimensões valorativas) condizentes ou contrastantes àqueles que permeiam a voz subjetiva. Destaco com isso um importante aspecto associado a esse duplo valor do enunciado no pensamento bakhtiniano: o fato de os gêneros do discurso serem concebidos nele como entidades sociointeracionais simultaneamente normativas e abertas à criação. Não à toa, para Bakhtin (2003, p. 285), apenas o profundo domínio da estrutura composicional do gênero permite ao sujeito empregá-lo livremente dentro do seu “projeto de discurso”. Veja-se a seguinte afirmação:

Os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele mas dados a ele. Por isso um enunciado singular, a despeito de toda a sua individualidade e do caráter criativo, de forma alguma pode ser considerado uma *combinação absolutamente livre* de formas da língua. (Ibidem)

Novamente aí Bakhtin relativiza a noção de liberdade, o que corrobora a visão foucaultiana de entendimento do discurso como um dispositivo dúplice de coerção e produção da subjetividade. Some-se a isso a discussão trazida à baila pelos teóricos que lidam com o conceito de *comunidade discursiva*. Erik Borg, por exemplo, ao resumir a trajetória desse

³ Utilizo entre parênteses termos propostos por Esposito, indicando novamente a possibilidade de relação entre distintas concepções teóricas fundadas nos campos da filosofia da linguagem e da filosofia política.

⁴ Esta reflexão remete-nos ainda às observações de Maurice Blanchot em *La communauté inavouable*, uma das obras responsáveis pela inauguração do campo filosófico de estudos do conceito de comunidade no início da década de 1980. Leia-se o seguinte fragmento da tradução espanhola do livro: “la experiencia sólo puede ser tal (‘ir al extremo’) si sigue siendo comunicable, y sólo es comunicable porque, en su esencia, es apertura al afuera y apertura al prójimo, movimiento que provoca una relación de violenta disimetría entre el otro y yo” (BLANCHOT, 2002, p. 44).

conceito no campo da linguística aplicada, mostra que, por um lado, há os que ratificam a estabilidade e a normatividade dos gêneros e das expectativas comunicacionais que conformam as comunidades discursivas; por outro, há os que procuram conceber de forma menos estática a relação dos sujeitos com a dinâmica do poder estabelecida pelo discurso comunitário, prevendo possibilidades de desconstrução e reapropriação de convenções e modelos genéricos:

If discourse communities are seen as stable, with experts who perform gatekeeping roles, then their genres are normative, and novices must conform to the expectations of the community in order to enter it. Other writers (...) suggest that this view takes power away from learners, and instead they propose that conventions and rules should be deconstructed, with novices encouraged to appropriate the discourse of the community, both for their own purposes and for the renewal of the discourse community itself. (BORG, op. cit., p. 400)

Tal ponto de vista é interessante não só porque, de certo modo, remete ao conceito bakhtiniano de autoenunciação, mas sobretudo porque reforça um viés analítico atento ao papel ativo do leitor no processo de interação.

É importante destacar que, em outros pontos da teoria bakhtiniana, a percepção dessa flexibilidade que convive com o caráter esquemático do gênero⁵ parece garantir à enunciação a possibilidade de exercer um papel político-performativo humanizador, tanto no plano da escrita quanto no da leitura, em oposição ao movimento de “*coisificação* do homem, das relações humanas e de todos os valores humanos no capitalismo” (BAKHTIN, 2010b, p. 71). Na esteira dessa colocação, Bakhtin investiga o princípio estruturante do texto dostoiévskiano, que, primeiramente, ausculta as ideias presentes na vida social, para em seguida reelaborá-las no discurso, que embora as retenha como imagens monológicas (“ideias-protótipo”), logo as faz interagir com outras, polifonicamente. Isso indica que, para Bakhtin, a própria concepção de autoria está imiscuída à de leitura, na medida em que os “campos de visão” do autor e do contemplador (produtor e receptor) se misturam. Outrossim, significa que o enunciador (autor ou leitor) não só seleciona como ainda é capaz de transmutar a matéria viva, problematizando tanto a verdade externa da ideologia quanto a verdade interna psicológica. Note-se assim que as noções de interioridade e exterioridade se imbricam. O espaço da comunidade, onde o sujeito é ora incluído, ora confinado pelo discurso alheio, torna-se, ao mesmo tempo, o lugar da negatividade – “o mundo de quem é outro para mim” (BAKHTIN, 2010a, p. 142) – que expurga a voz do leitor, o que por vezes se torna a própria condição para a produção do seu discurso. A ancoragem valorativa do outro na ordem do enunciado funciona como potência subliminar de construção/dissolução da subjetividade, que se vê imiscuída à comunidade e, ao mesmo tempo, dela separada. Por isso, em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (op. cit., p. 143) mostra a importância de buscarmos continuamente um posicionamento como sujeitos da enunciação, através, é claro, da atitude responsiva face à alteridade. Percebe-se aí outra duplicidade importante: apesar de a arquitetura em que o eu se diferencia do outro ser algo dado pela lógica do discurso, é algo

⁵ Leia-se o seguinte trecho de H. G. Widdowson, que, confirmando essa mesma postura teórica, empreende uma crítica à visão simplista de certas tendências pedagógicas centradas na noção de gênero, além de estabelecer interessantes relações com os estudos de linguagem (ou melhor, dos usos da linguagem) e dos processos de ensino/aprendizagem: “There must be some scope for individual self expression within the framework of schematic convention. One may be able to identify genre as a *rhetorical* type, but there will always be *stylistic* variation in the way it is realized by individuals; and the very process of learning, I would argue, requires room for individual scope as much as does the process of language use itself” (WIDDOWSON, 1998, p. 11).

também “por-ser-realizado”, haja vista o caráter antinatural que configura a orientação subjetiva em meio ao devir comunitário – ou nos termos bakhtinianos, em meio à força negativa do existir-evento. Isso significa que a atribuição do discurso a um eu determinado, sobretudo no âmbito da leitura, representa, ao fim e ao cabo, a conquista de um lugar.

Essa reflexão de Bakhtin problematiza a própria formação da subjetividade no discurso por entender que o autor real localiza-se “por princípio fora dessa arquitetônica” (Idem, p. 140) onde estão situados não só o(s) outro(s) (a segunda pessoa da armação dialógica) mas também o seu duplo: a primeira pessoa, o centro da *dêixis* – conforme a ótica de Émile Benveniste (1991) –, o sujeito do enunciado.⁶ Da mesma maneira, no contexto da atividade leitora, o leitor real posiciona-se num espaço exterior, visto que ele, por um lado, não pode se igualar à função-autor (FOUCAULT, 2006) assumida pelo texto, e por outro, não se identifica necessariamente com a imagem de leitor virtual (ORLANDI, 2011) ali configurada. Isso sinaliza-nos ainda caminhos de compreensão da noção bakhtiniana de *exotopia*, a partir da qual se verifica produtivamente a singularização do “eu-que-afirmo” frente ao(s) outro(s), sem deixar de pôr em xeque as ideias de subjetividade e comunidade, através mesmo da problemática do distanciamento (necessário) do contemplador (entenda-se *leitor*, no contexto desta reflexão) em relação à outridade, assim como da cisão do espaço *comum* em singularidades responsivas, capazes de abalar a construção do todo no mesmo ato em que almeja erigi-lo: “a contemplação é a efetiva exotopia ativa do contemplador com relação ao objeto da contemplação. A singularidade de um ser humano contemplada [exotopicamente] (...) não coincide, por princípio, com a minha singularidade” (BAKHTIN, 2010a, p. 140). É nesse sentido que ao discutir o papel da consciência – entendida por mim aqui não apenas como a que se responsabiliza pela criação textual mas também como a que assume o lugar de produtora da leitura – Bakhtin (2010b, p. 77) afirma que a aproximação entre as vozes do diálogo fazem ecoar o caráter inacabado tanto do eu como do outro: “Ela [a consciência criadora] sente ao seu lado e diante de si as consciências equipolentes dos outros, tão infinitas e inconclusas quanto ela mesma”. Como se vê, todo esse movimento reflexivo da obra bakhtiniana questiona, a um só tempo, a noção de comunidade (como um todo fechado e monológico) e a pretensão de completude do sujeito, oferecendo, acredito, formas mais matizadas de compreensão do processo de interação texto-leitor, sobretudo nas práticas discursivas mediadas pela língua estrangeira.

O quadro teórico desenvolvido até o momento, no âmbito do projeto de pesquisa que venho desenvolvendo⁷, leva-me a defender a potencialidade que o trabalho com a leitura ainda tem na didática de línguas estrangeiras, sem deixar de reconhecer, é claro, a importância do debate em torno da diferença do contexto atual, marcado pelos novos meios de interação multimodais, em relação à época de divulgação dos PCN (BRASIL, 1998), que propunham a ênfase no desenvolvimento da competência leitora, tendo em vista a predominância do

⁶ No prefácio ao livro de Leonor Arfuch, *O espaço biográfico*, Ernesto Laclau relaciona a não coincidência entre autor e personagem em Bakhtin à oscilação entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado em Benveniste com vistas a demonstrar a possibilidade de uma análise discursiva da esfera social como um espaço “fundado, portanto, numa *falta* que não se pode erradicar” e da experiência subjetiva como algo “que não é inteiramente absorvível nem normatizável através dos enunciados de um discurso” (LACLAU, 2010, p. 11-12).

⁷ Projeto de pesquisa “Leitura, discurso e comunidade na formação e na atuação de professores de Espanhol LE” (início: 2013), linha de pesquisa ‘Identidade, cognição e ensino nas línguas neolatinas’, Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ.

contato com textos cuja circulação se dava através dos suportes impressos.⁸ Precisamos continuar desenvolvendo nos cursos de formação de professores a consciência em relação a articulação entre a dimensão textual, linguística e discursiva, questionando a ineficiência de práticas de equivalência tradutória item a item que, muitas vezes, conforme já demonstrou Silviano Santiago (2000), desconsideram as condições de produção do discurso (cf. FOUCAULT, 2008), gerando “mal-entendidos”, por um lado, e passando por cima do produtivo mecanismo de desterritorialização do sentido, por outro. Note-se o exemplo da análise que Silviano faz de *62 Modelo para armar*, de Cortázar, romance em que o personagem principal traduz, parodicamente, uma frase avistada no espelho de um restaurante parisiense, invertendo, de modo especular, seu contexto original:

“je voudrais un château saignant.” Mas em lugar de reproduzir a frase na língua original, ele a traduz imediatamente para o espanhol: “Quisiera un castillo sangriento.” Escrito no espelho e apropriado pelo campo visual do personagem latino-americano, *château* sai do contexto gastronômico e se inscreve no contexto feudal, colonialista, a casa onde mora o senhor, *el castillo*. E o adjetivo, *saignant*, que significava apenas a preferência ou o gosto do cliente pelo bife malpassado, na pena do escritor argentino, *sangriento*, torna-se a marca evidente de um ataque, de uma rebelião, o desejo de ver o *château*, o *castillo* sacrificado, de derrubá-lo, a fogo e sangue. A *tradução* do significante avança um novo significado (...). (SANTIAGO, op. cit., p. 22)

Nesse sentido, é interessante perceber ainda que a diferença entre os funcionamentos linguístico-discursivos das línguas precisa ser mais aprofundada, de modo a se compreender que o endereçamento do texto escrito em língua estrangeira prevê o compartilhamento não só do conhecimento linguístico mas dos valores históricos, sociais e culturais que o enunciado mobiliza. Esta questão pode ser melhor percebida a partir da leitura de um dos poemas que compõem o livro *El eco de mi madre*, de Tamara Kamenszain, em que se observa, por exemplo, a distinção entre o sistema de tratamento do espanhol rioplatense e do português brasileiro como um fator de dificuldade para o compreensão do texto por parte do aprendiz brasileiro da língua espanhola:

Ayer descubrí que me había vuelto
aún menos yo para ella
SYLVIA MOLLOY

Como mi madre que a veces me trata de usted
y yo me doy vuelta para ver quién soy,
la amiga de Sylvia que perdió el voseo
la desconoce hablándole de tú.
Correctas educadas casi pomposas
estas rehenes del Alzheimer
ponen a congelar la lengua materna
mientras nos despiden de su mundo sin palabras.
Sin embargo si te canto tu canción infantil
la neurona del idisch se posa dulce sobre tus labios
y todo lo que nunca entendí en ese idioma

⁸ É possível obter maiores informações em torno deste debate através da leitura do texto publicado pela Associação Brasileira de Linguística Aplicada em seu site: <http://www.alab.org.br/pt/noticias/destaque/161-inep-abre-dialogo-com-a-alab-sobre-a-prova-de-lingua-estrangeira-no-enem>, acesso em 17/11/2013.

lo repito con vos viejita, y me queda claro.
(KAMENSZAIN, 2012, p. 92)

Na primeira parte do poema, a distinção pragmática dos graus de cortesia e distância interpessoal – marcada numa escala que na variedade do espanhol rioplatense vai do mais formal “usted” ao menos formal “vos”, passando pela recuperação anacrônica do “tú”, como tratamento de formalidade intermediária – é fundamental para o entendimento da inversão enunciativa, introduzida pelo estranhamento provocado pela associação do conectivo “Sin embargo” – típico de textos argumentativos formais – a uma sequência de matiz dramático, em que a presença de clítico e possessivos de 2ª pessoa, o reaparecimento do *voseo* e o uso de forma lexical marcadamente coloquial na posição de vocativo (“viejita”) sugerem uma tentativa, embora monológica, de recuperação do diálogo e da proximidade com a figura materna. O poema contemporânea de Kamenzain já não se projeta, de forma idealizante, em direção a um leitor (interlocutor) universal. Pelo contrário, parece fazer questão de marcar múltiplas formas de endereçamento, todas elas particulares em diferentes graus: aos leitores argentinos (ou também *voseantes*), à amiga e também escritora Sylvia Molloy, à própria mãe. Neste caso, não é possível ignorar o fato de que o próprio texto, sobretudo lido num contexto estrangeiro de recepção, exige um esforço de interpretação que necessariamente nascerá de um posicionamento exotópico do leitor.

É importante termos atenção, como professores e pesquisadores do campo de línguas estrangeiras, à produção dessa exotopia no processo de interação do aluno-leitor com o texto. A partir do exemplo de uma atividade de escrita criativa, com base na intertextualidade com um poema de Pablo Neruda, realizada numa turma de 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública do Rio de Janeiro em 2010, pude observar que a escrita discente, configurada como um gesto de leitura, ou como um diálogo aberto com o texto do outro, revela condições complexas de produção do discurso, que fazem convergir e divergir, ao mesmo tempo, formações discursivas marcadas por tempos, espaços, línguas e culturas diversas. Leiam-se abaixo um fragmento do poema “Oda al hombre sencillo”, de Neruda, e em seguida, o poema produzido por um estudante:

Voy a contarte en secreto
quién soy yo,
así, en voz alta,
me dirás quién eres,
cuánto ganas,
en qué taller trabajas,
en qué mina,
en qué farmacia,
tengo una obligación terrible
y es saberlo,
saberlo todo,
día y noche saber
cómo te llamas,
ése es mi oficio,
conocer una vida
no es bastante
ni conocer todas las vidas
es necesario,
verás,
hay que desentrañar,
rascar a fondo

y como en una tela
 las líneas ocultaron,
 con el color, la trama
 del tejido,
 yo borro los colores
 y busco hasta encontrar
 el tejido profundo,
 así también encuentro
 la unidad de los hombre (...)
 (NERUDA, 1999, p. 90-91)

Tenho um ofício,
 bem importante por sinal.
 Não sou nada importante,
 Sou exatamente o contrário.
 Ninguém quase me dá mais importância
 Claro! Estamos no século XXI
 e eu o poeta perdi meu espaço
 para as novas tecnologias.
 Porém como sempre, ainda encontro:
 “La unidad de los hombres”.
 [Produção discente]

O poema do estudante dialoga com o de Neruda na medida em que identifica na linguagem do autor chileno a configuração de um enunciador em 1ª pessoa que, de modo indireto, se representa na figura de um escritor que elabora uma reflexão metapoética (e também ética) sobre seu “ofício”. Note-se que o enunciador do texto do estudante assume a voz autoral projetando-se como um “poeta” – que continua tendo um ofício semelhante ao do autor clássico: desentranhar/encontrar o sentido de unidade entre os homens –, sem deixar, entretanto, de refletir sobre a mudança dos tempos, das linguagens, das tecnologias, dos meios de comunicação, atribuindo a essas mudanças um inegável papel na dissolução da importância e do espaço conquistado pela literatura no decorrer de sua tradição (“Claro! Estamos no século XXI/ e eu o poeta perdi meu espaço”). Quando o enunciador do texto discente afirma que “Ninguém quase me dá mais importância”, embora esteja recuperando de Neruda a problemática do acesso das classes populares aos temas e à linguagem da poesia, deixa patente que a diminuição da abrangência do discurso literário, no que diz respeito a sua capacidade de estabelecer laços sociais com o leitor comum, é talvez hoje ainda mais grave, de modo a merecer papel central no poema, indiciando assim um conflito entre sujeito e alteridade, voz autoral e público leitor, que inverte o sentido da trama original do texto nerudiano.

Essas reflexões levam-me a vislumbrar a produtividade desta investigação que busca compreender a relação entre leitura, discurso e comunidade, com vistas a apreender diferenças institucionais e subjetivas envolvidas na interação com o texto em sala de aula, marcada pela polissemia, pela diversidade de formas de compreensão e por distintos graus de consciência dos leitores em relação a sua posição na atividade leitora. Meu intuito é observar, ao longo da pesquisa, marcas que caracterizam as comunidades discursivas predominantes nos contextos socioeducacionais em que atuo como professor formador de professores de Espanhol, levando em consideração a heterogeneidade enunciativa configurada nos espaços onde ocorrem

práticas de letramento escolar e acadêmico.⁹ Com isso, almejo refletir sobre os movimentos de proximidade e afastamento, ou seja, sobre as formas de apropriação que essas comunidades estabelecem com as discursividades que atravessam os textos e as interações motivadas pela leitura em língua estrangeira.

REFERÊNCIAS:

- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 95-114.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas*. Campinas: Ed. Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- . *Para uma filosofia do ato responsável*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010a.
- . *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral*. Vol. I e II. Campinas: Pontes/Unicamp, 1991.
- BLANCHOT, M. *La comunidad inconfesable*. Madri: Arena Libros, 2002.
- BORG, E. Discourse community. *ELT Journal Volume*, 57/4, Oxford University Press, p. 398-400, 2003.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Língua Estrangeira*. Brasília: MEC/SEB, 1998.
- ESPOSITO, R. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.
- . *Ditos e escritos*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- . *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GONZÁLEZ, N. La expresión de la persona en la producción de Español Lengua Extranjera de estudiantes brasileños: perspectivas de análisis. *Hispanismo 2000*, v. 1, p. 239-255, 2001.
- KAMENSZAIN, T. *O gueto / O eco de minha mãe* (Edição bilíngue). Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- LACLAU, E. Prefácio. In: ARFUCH, L. *O espaço biográfico*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010, p. 9-14.
- NERUDA, P. *Odas elementales*. Buenos Aires: Losada, 1999.
- ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo: Contexto/Unicamp, 2001.
- . *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2011.
- REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.) *Linguagem e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, p. 213-230.
- SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.
- STREET, B. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Revista de Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 8, p. 465-488, 2006.

⁹ Não se pode esquecer ainda, conforme já assinalou Swales (1987, p. 6), que as interações verbais verificadas em espaços coletivos, como a escola e a universidade, tornam-se ainda mais complexas e heterogêneas pelo fato de os indivíduos poderem pertencer, simultaneamente, a várias comunidades discursivas: “sketching the boundaries of discourse communities in ways that I have attempted implies (a) that individuals may belong to several discourse communities and (b) that individuals will vary in the number of discourse communities they belong to and hence in the number of genres they command”.

SWALES, J. Approaching the concept of discourse community. *Annual Meeting of the Conference on College Composition and Communication* (38th, Atlanta, GA), March 19-21, 1987.

WIDDOWSON, H. G. Communication and community: the pragmatics of ESP. *English for Specific Purposes*, vol. 17, n. 1, p. 3-14, 1998.